

Avaliação do meio escolar: um estudo exploratório

Laura M. Nunes, Sónia Caridade
& Ana Isabel Sani

Resumo

A escola como instituição com grande relevância no futuro de todos deverá ser objeto de atenção especial e sistemática. Conscientes de que a avaliação permanente e orientada é central na operacionalização de mudanças desejáveis e promissoras, apresentamos um estudo descritivo e exploratório, que visou o reconhecimento de indicadores para uma intervenção sustentada. A recolha de dados deu-se através do inquérito por questionário, numa amostra de 142 agentes educativos, com idades compreendidas entre os 22 e os 64 anos (com média de 44.9, desvio padrão de 10.6). Os resultados revelaram que, não obstante a perceção positiva dos participantes sobre o meio físico, há necessidade de se criarem espaços de lazer e desportivos, condições logísticas e equipas multidisciplinares. O envolvimento dos pais é negativo e existem comportamentos problemáticos na escola que exigem o repensar das normas disciplinares, tornando-se necessário redefinir formas de estimular a participação ativa de todos. Concluímos sobre a importância da escola como uma instituição inclusiva, participativa e empenhada na prevenção de comportamentos problemáticos, assim como apresentamos alguns planos de ação para as escolas.

Palavras-chave:

avaliação; escolas; comportamentos; meio.

School evaluation – an exploratory study

Abstract: The school should be target with special attention and systematic analysis because it is an institution with great importance in the future of everyone. Conscious that a permanent and oriented evaluation is central to the achievement of desirable and promising changes, we present a descriptive and exploratory study that aimed to recognize indicators that allows a sustained intervention. Data collection was made using a questionnaire, with a sample of 142 educational agents aged 22 to 64 years (mean: 44.9, standard deviation: 10.6). The results revealed that, despite the positive perception of the participants about the physical environment, they also mentioned the need to create spaces for leisure and sport, better logistic conditions and the action of multidisciplinary teams. Parental involvement was negative, and there were behavior problems in school that require the rethinking of disciplinary standards. So, it is necessary to redefine ways to promote the active participation of everyone. We concluded about the importance school as an inclusive, participatory and committed institution, where prevention of some behaviors is essential. We also discussed some action plans for schools.

Keywords: evaluation; schools; behaviors; environment.

Évaluation de l'environnement de l'école - une étude exploratoire

Résumé: L'école en tant qu'institution de grande importance pour le futur de tous devra faire l'objet d'une attention particulière et systématique. Conscients que l'évaluation permanente et orientée est centrale dans la mise en œuvre de changements souhaitables et prometteurs, nous présentons une étude descriptive et exploratoire, qui vise à identifier des indicateurs pour une intervention soutenue. La collecte de données a été faite par le biais d'une enquête par questionnaire, avec un échantillon de 142 acteurs éducatifs, âgés entre 22 et 64 ans (moyenne: 44.9, écart-type: 10.6). Les résultats ont révélé que, malgré la perception positive des participants concernant l'environnement physique, il faut créer des espaces sportifs et de loisirs, des conditions logistiques ainsi que des équipes multidisciplinaires. L'implication des parents est négative et il y a des comportements problématiques à l'école qui requièrent une révision des règles disciplinaires, et qui rendent nécessaire une redéfinition des façons de penser et d'encourager à la participation active de tous. Nous pouvons conclure sur l'importance de l'école en tant qu'institution inclusive, participative et engagée dans la prévention de comportements problématiques et nous présentons quelques plans d'action pour les écoles.

Mots-clés : évaluation; écoles; comportements; environnement.

Evaluación a la escuela – un estudio exploratorio

Resumen: La escuela es una institución con gran importancia en el futuro de todos, y debe ser objeto de una atención especial y sistemática. Conscientes de que la evaluación es fundamental para el funcionamiento de los cambios deseables, se presenta un estudio descriptivo y exploratorio, con el objetivo de reconocer los indicadores para una intervención sostenida. La recolección de datos se realizó a través de un cuestionario, con 142 agentes educativos, de 22 a 64 años (M=44.9, D.E.=10.6). Los resultados revelaron que, a pesar de la percepción positiva de los participantes sobre el medio físico, existía la necesidad de crear espacios para el ocio y el deporte, mejores condiciones logísticas y equipos multidisciplinarios de trabajo en la escuela. La participación de los padres se presentó negativa, y había problemas de conducta en la escuela que requieren un replanteamiento de las normas disciplinarias, a fin de redefinir las formas de promover la participación activa de cada uno en la vida de la escuela. Concluimos que la escuela debe ser asumida como una institución inclusiva, participativa y comprometida con la prevención de conductas problema. Se discuten algunos planes de acción para las escuelas.

Palabras clave: Evaluación; Escuelas; Comportamientos; Medio.

Introdução

Atualmente, a escola é núcleo para onde convergem muitos problemas, de onde partem muitas questões e onde se colocam grandes desafios. Trata-se da instância de socialização que abarca muitas responsabilidades que tradicionalmente lhe eram atribuídas, a par dos novos desafios que lhe são colocados pelas dificuldades contemporâneas.

A globalização e os processos associados implicam um novo olhar sobre a escola e o futuro, especialmente dos mais jovens. De acordo com alguns autores (Moreira, 2003), o mundo globalizado levou a que as fronteiras se diluíssem, as empresas se internacionalizassem, as organizações gerassem trocas transnacionais, o crime se readaptasse e, obviamente, as escolas se transformassem, como referem determinados analistas (Pereira, 2002; Soares, 2002). Se o papel da escola sempre apontou para as grandes responsabilidades que lhe cabiam, esse papel vê-se agora pressionado pelos grandes desafios subjacentes a essas mudanças, tão drásticas quanto rápidas e tantas vezes imprevisíveis. Acrescem ainda as transformações que derivam do próprio desenvolvimento daqueles que, entrando na escola na infância, atravessam a adolescência e iniciam aí a sua adultez (Ryan, 2000).

Assim, o sistema disciplinar e o conjunto de normas comportamentais a observar nas escolas devem ser pensados de forma prudente e racional. Alguns estudos (Youssef, Attia, & Kamel, 1998) concluem no sentido de que a punição severa e o castigo físico são formas contraproducentes de disciplinar os alunos. Então, é fundamental analisar a escola sob diferentes dimensões (Pinheiro, Haase, Prette, Amarante, & Prette, 2006), já que é onde se desenvolvem muitas aprendizagens e se instalam certas condutas (Hart & Mueller, 2012), como o uso de drogas (Radliff, Wheaton, Robinson, & Morris, 2012), as ações antissociais de que constam as incivilidades, enquanto práticas violadoras da harmonia social quotidiana (Debarbieux, 2001) e das normas reguladoras da convivência (Garcia, 2006), estando estreitamente ligadas à origem de sentimentos de insegurança que não devem existir na escola (Brites, 2010; Colmán & Souza, 2009).

A análise integrada da escola

A escola afeta o meio envolvente e é afetada por ele, influencia os comportamentos de quem a frequenta e é influenciada por eles, origina perceções específicas nos que lá trabalham e o seu funcionamento é também influenciado por tais perceções.

Para Lipman (2014), a escola é o contexto de onde emergem muitas vezes ligações a comportamentos como a delinquência, o insucesso escolar conduz

à frustração e aumenta potencialmente a tendência para comportamentos desviantes, e muitas das práticas das escolas podem estar a operar de forma opostora à obtenção de sucesso e ao desenvolvimento de interesse por parte dos estudantes. Ainda segundo o autor, é imperativo avaliar, uma vez que só através de avaliações rigorosas se podem identificar os elementos implicados na vitimação na escola, nas respostas da mesma a essas situações, nas medidas preventivas, no clima que se vive, nos mecanismos de resolução/gestão de conflitos, nas modalidades de pressão pelos pares, nos esforços investidos (ou não), nos espaços físicos (das escolas e respetivo envolvente) e na forma como estarão organizados e distribuídos esses espaços, afetando os comportamentos.

A integração das partes em análise

Na avaliação do contexto escolar, importa atender às características socio-demográficas dos que trabalham na escola em análise, não negligenciando elementos como o papel, as funções e o tempo de serviço do inquirido.

Para além da caracterização demográfica e profissional dos inquiridos, importa questionar a respeito de elementos espaciais, quer ao nível da distribuição, quer em termos da localização e das condições em que se encontram inseridos esses estabelecimentos de ensino. Estes são aspetos fundamentais que influenciam as interações que se estabelecem, podendo contribuir para o desenvolvimento de comportamentos inadequados em meio escolar (Mayer, 1995). Acresce a necessidade de se inquirir também sobre os espaços nas proximidades da escola, que poderão afetar o seu funcionamento. A própria estrutura arquitetónica do estabelecimento de ensino poderá vir a contribuir para a redefinição dos espaços por forma a prevenir ocorrências e condutas menos desejáveis (Peek-Asa & Zwerling, 2003).

É ainda importante atender às dinâmicas relacionais e às atividades desenvolvidas no meio escolar, com e sem ligação à comunidade em que se insere o estabelecimento em análise. É igualmente crucial indagar a respeito do envolvimento comunitário da escola e do comprometimento dos encarregados de educação relativamente à vida escolar. Ora, se os aspetos relacionais estão em destaque, não podem ignorar-se questões que a esses aspetos se ligam estreitamente, como o código de normas e as dinâmicas de regulação comportamental e disciplinar que se adotam naquela instituição. Na verdade, a ligação ou o envolvimento comunitário do aluno, nomeadamente, a sua conexão à escola, tornam-se elementos fundamentais.

Finalmente, e não menos importante, serão os fatores associados às características e comportamentos mais frequentemente observados nos alunos da escola. Assim, importa indagar sobre o absentismo escolar, a prática de incivildades, os comportamentos antissociais e outros, para capturar as perceções dos profissionais de ensino e obter as explicações e opiniões dos mesmos a respeito. Evidentemente, é imperativa a recolha de informação que integre as sugestões dos profissionais para melhorar a vida escolar.

Método

O presente estudo exploratório, descritivo, transversal e baseado no autorrelato, pretende aceder às perceções dos diferentes agentes educativos (professores e não professores) sobre o meio escolar onde desempenham funções. Especificamente, é nosso objetivo efetuar a avaliação do meio escolar e do meio envolvente, dos funcionamentos interno e externo, identificando ainda as principais características e os comportamentos problemáticos apresentados pelos alunos que frequentam aquela escola específica.

Amostra

Participaram neste estudo 142 agentes educativos, com idades entre os 22 e os 64 anos (média de 44.9 anos e desvio padrão de 10.6). A grande maioria dos participantes era do sexo feminino (73.2%), casados/união de facto (67.6%) e com formação superior (73.9%), o que indica uma participação predominante de professores (76.8%). Houve também participação de 26 auxiliares de ação educativa, 3 administrativos/as, 2 seguranças e 2 com funções não identificadas (cf. Tabela 1). Esta distribuição também se deve ao facto de, nas escolas, o número de professores ser consideravelmente superior ao dos restantes funcionários.

A média de tempo de serviço dos inquiridos foi de 2.69 anos e desvio-padrão de 1.42, conforme se pode constatar pela observação da Tabela 1.

Foram recolhidos dados em quatro agrupamentos escolares da área metropolitana do Porto (Portugal) e o número médio de alunos por escola situou-se nos 828.9.

Tabela 1
Dados sociodemográficos dos participantes.

DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS		FREQUÊNCIA ABSOLUTA	FREQUÊNCIA RELATIVA (%)
Sexo	Feminino	32	22.5
	Masculino	74	73.2
Estado civil	Solteiro	26	18.3
	Casado/a/União de fato	96	67.6
	Divorciado/a /Separado/a	15	10.6
	Viúvo/a	3	2.1
Habilitações Literárias	1º ao 4º ano	5	3.5
	5º ao 6º ano	3	2.1
	7º ao 9º ano	8	5.6
	10º ao 12º ano	16	11.3
	Ensino Superior	105	73.9
Funções na escola	Professor/a	109	76.8
	Auxiliar ação educativa	26	18.3
	Administrativo/a	3	2.1
	Segurança	2	1.4
	Outro/a	2	1.4
Anos de serviço	Menos de 4 anos	39	27.5
	Entre 5-9 anos	21	14.8
	Entre 10-14 anos	35	24.6
	Entre 15-20 anos	16	11.3
	Mais de 21 anos	21	14.8

Procedimento

Para a realização do presente estudo tornou-se necessário solicitar autorização junto das entidades responsáveis, atendendo também à aprovação dos diferentes agrupamentos escolares/escolas.

A recolha de dados decorreu ao longo do ano letivo de 2012/2013 e para tal contámos com a colaboração de alunos estagiários da Universidade, aos quais foi dada formação no sentido de assegurar a uniformização de procedimentos na administração do questionário. Inicialmente, os participantes foram devidamente informados, sendo-lhes apresentado o consentimento informado,

dando-se garantias de anonimato e confidencialidade. O preenchimento do questionário ocorreu de forma individual.

Depois de recolhidos os dados junto das diferentes instituições, procedeu-se à construção de uma base de dados no *IBM Statistical Package for Social Sciences*, versão 21, seguindo-se a inserção de dados e respetivas análises estatísticas descritivas, cujos resultados serão apresentados posteriormente.

Instrumento

O questionário utilizado foi desenvolvido especificamente para este efeito, tomando em consideração as evidências científicas sobre esta matéria (Nunes, Caridade, & Sanl, 2013). Este é constituído por quatro secções: i) características sociodemográficas; ii) meio escolar e o respetivo espaço envolvente – com questões relacionadas com a distribuição dos espaços na escola e com as características dos espaços que circundam a mesma; iii) funcionamento e dinâmicas escolares – procurando-se indagar um conjunto de elementos como as atividades extracurriculares em que a escola envolve alunos, funcionários, pais e comunidade; iv) condutas em contexto escolar – em que questionamos sobre as condutas e as características mais notórias nos alunos, sob a perceção dos profissionais de ensino.

Resultados

Meios escolar e envolvente

Uma percentagem significativa dos inquiridos (48.6%) classificou o meio físico envolvente em que a escola se encontra inserida (e.g., quanto aos acessos existentes, tipo de serviços que dispõe, entre outros) como sendo razoável. Uma classificação mais favorável foi atribuída por 34.5% dos profissionais ao atribuírem bom e 5.6%, muito bom. Não obstante, uma percentagem não negligenciável de participantes atribuiu nota negativa ao meio físico envolvente (9.9% pontuou de mau e 1.4% de muito mau). Na justificativa para esta classificação, os participantes apontaram o facto de a instituição de ensino apresentar bons acessos e/ou transportes (43%) (e.g., “Bons acessos e serviços”; “Bem situada em relação à rede de transportes e serviços utilitários”); a existência de condições mínimas/más (22.5%) (e.g., “Más condições em relação ao espaço físico”; “Os espaços necessitam de melhoramentos urgentes”); o facto de a escola ter sido intervencionada recentemente (15.5%) (e.g., “Trata-se de uma escola requalificada recentemente, pelo que até em alguns aspetos é muito boa”); as limitações de espaço (36.6%); a adequação das características das escolas (26.1%) e, ainda, a limitação de recursos humanos (2.8%).

Quanto à organização/qualidade dos espaços da instituição de ensino, os inquiridos posicionaram-se maioritariamente entre o bom (44,4%) (e.g., “Tem a qualidade e manutenção necessárias para se criarem alunos para a regras de utilização e para a cidadania”), e o razoável (43%), sendo que apenas 7% qualificou de muito bom e 5.6% classificou de forma desfavorável (mau). Concomitantemente, uma percentagem significativa de profissionais (45.1%) considerou que as condições estruturais da escola se adequam ao número de alunos existentes na instituição de ensino, 35.2% classificou estas condições como sendo razoáveis, 7% de muito bom e em menor percentagem, 11.3% qualificaram de mau. Apenas 2 inquiridos deram nota muito negativa a essas condições (1.4% muito más).

Do conjunto dos profissionais que se pronunciou (n=50) sobre a existência de estabelecimentos comerciais/industriais nas imediações da instituição de ensino como sendo perturbadores do desempenho dos alunos, 23.2% identificou a existência de cafés/restauração, 11.3% mencionou espaços comerciais e 3.5% estabelecimentos dedicados a jogos recreativos.

Tabela 2

Medidas apontadas pelos inquiridos para promover as condições da escola.

MEDIDAS PARA PROMOVER AS CONDIÇÕES DA ESCOLA	FREQUÊNCIA ABSOLUTA	FREQUÊNCIA RELATIVA (%)
Melhorar as condições logísticas da escola	65	45.8
Criação de espaços de lazer e desportivos	51	35.9
Aumentar e alargar o número de profissionais	31	23.9
Maior controlo das saídas/policiamento	18	12.7
Redução do número de alunos/turma	5	3.5
Redução do número de alunos/escola	4	2.8
Alteração estatuto/categoria da escola	3	2.1

Como sugestões de medidas para promover as condições da escola, na sua grande maioria, os inquiridos centraram-se nas questões logísticas e no tipo de atividades proporcionadas aos alunos (cf. Tabela 2). De forma mais pormenorizada, os inquiridos sustentaram uma melhoria das condições logísticas da escola (45.8%); a criação de espaços desportivos e lúdicos para os alunos (35.9%); a necessidade de se aumentar o número de profissionais da instituição de ensino e de se integrarem profissionais de outras áreas científicas (e.g., Criminologia), que possam dar um contributo positivo para o desenvolvimento da instituição de ensino (23.9%); um maior controlo das saídas e mais policiamento (12.7%); a redução do número de alunos existentes na instituição de ensino (3.5%), a redução

do número de alunos por turma (2.8%); e, por último, sugeriram a necessidade de a escola proceder a uma alteração e atualização dos seus estatutos (2.1%).

Dinâmica de funcionamento interno e externo da escola

A perceção dos inquiridos quanto à dinâmica de funcionamento interno e externo da instituição de ensino atividades extracurriculares desenvolvidas na escola como boa (43.7%) como sendo boa; 27.5% como razoável; 21.1% como muito boa. De forma menos expressiva, 5.6% classificou essa dinâmica de funcionamento escolar como sendo má e apenas 1 inquirido (0.7%) a qualificou como sendo muito má.

Tabela 3

Atividades extracurriculares, propostos pelos inquiridos, para potenciar o envolvimento conjunto e o carácter dinamizador da escola.

SUGESTÃO DE ATIVIDADES EXTRACURRICULARES	FREQUÊNCIA ABSOLUTA	FREQUÊNCIA RELATIVA (%)
Encontros desportivos	75	52.8
Eventos culturais	68	47.9
Eventos (in)formativos	57	40.1
(Outras) atividades lúdicas	54	38
Visitas de estudo/saídas ao exterior	36	25.4

Já no que respeita às potenciais atividades extracurriculares que poderão potenciar o envolvimento conjunto de todos, tendo um carácter dinamizador da escola, os profissionais destacaram: a realização de encontros desportivos e de eventos culturais (52.8%), entre outras ações a observar na Tabela 3.

Um outro resultado positivo encontrado relaciona-se com a perceção dos profissionais acerca do estabelecimento de intercâmbio da escola com outras instituições e em que, uma vez mais, os que se pronunciaram sobre essa matéria (n=136), fizeram-no de forma muito positiva e, em igual número, 35.9% considerou razoável e bom; 14.1% de muito bom e apenas 8.5% qualificou de mau.

Não obstante, e quando interpelados sobre o tipo de acontecimentos que, regularmente, poderão promover o intercâmbio com outras instituições, os profissionais defenderam a sua participação em projetos comunitários (49.3%); o estabelecimento de protocolos de estágios curriculares e/ou profissionais (30.3%); a necessidade de haver uma maior articulação com área da saúde (8.5%); e ainda a existência de cursos profissionais (7%) bem como uma maior articulação/formação de professores (2.1%).

As perceções dos participantes alteraram-se quanto ao envolvimento dos pais nas iniciativas promovidas pela instituição de ensino, e em que a grande maioria deu nota negativa à participação dos pais (39.4% de baixo e 13.4% muito baixo); 38% de razoável e apenas 9 dos inquiridos positivamente este envolvimento (4.9% de elevado e 1.4% muito elevado). Esta classificação surgiu fundamentada pelos profissionais pelos seguintes argumentos: devido à reduzida participação e interesse os encarregados de educação nas iniciativas promovidas pela escola (42.3%) (e.g., "Há muitas iniciativas por parte da escola mas pouca participação por parte dos encarregados de educação"; "Os encarregados de educação raramente se interessam pelos problemas da escola"); o facto de só participarem quando convocados (14.1%) ou devido ao seu envolvimento na Associação de Pais (7.1%) (e.g., "Os pais na maioria das vezes só comparecem quando convocados pelos orientadores educativos"; "Raramente os pais participam a não ser através da Associação de Pais"). Não obstante, 2.1% optou por não se pronunciar sobre esta matéria, alegando não possuir informação.

Indagados sobre o envolvimento comunitário da escola, e do total dos respondentes (n=138), 46.5% considerou ser razoável. Uma classificação mais favorável foi atribuída por 23.9% dos inquiridos que classificaram o envolvimento comunitário da escola como sendo elevado e 4.9% atribuiu mesmo a nota máxima – muito elevado (e.g., "Escola sempre muito atenta à comunidade, através de vários parceiros"). Contudo, 21.1% dos participantes qualificou de baixa e 0.7% muito baixo. Justificam o envolvimento comunitário da escola invocando: participação em projetos comunitários (27.5%); ligação com o poder local (12%). 14.8% destacou, contudo, o reduzido envolvimento comunitário da escola e 3.5% referiu não ter informação.

No que se refere às normas e regulação disciplinar a vigorar na escola a pertencem, do total dos profissionais que se pronunciaram sobre esta questão (n=140), 50.7% classificou-a como sendo razoável; 27.5% de bom e 6.3% de muito bom. Pelo contrário, 14.1% atribuiu nota negativa ao sistema disciplinar.

Quanto a potenciais medidas para promover o sistema disciplinar da escola, uma percentagem considerável de profissionais (50%) defendeu a implementação de um sistema disciplinar mais punitivo e rigoroso (e.g., "Castigos mais severos"; "Maior rigor na aplicação e verificação do cumprimento dos procedimentos disciplinares"); 33.8% apelou ao maior envolvimento/participação dos encarregados de educação no projeto educativo dos filhos (e.g., "Promover a participação dos encarregados de educação na vida escolar dos seus educandos"); 12.7% sugeriu a inclusão de equipas multidisciplinares (e.g., psicólogos, assistentes sociais, entre outros). De forma menos expressiva, foram reveladas outras medidas a consultar na Tabela 4.

Tabela 4
Medidas sugeridas pelos inquiridos para potenciar o sistema disciplinar.

MEDIDAS PARA POTENCIAR O SISTEMA DISCIPLINAR	FREQUÊNCIA ABSOLUTA	FREQUÊNCIA RELATIVA (%)
Sistema disciplinar mais punitivo	71	50
Participação/envolvimento dos pais	48	33.8
Equipas multidisciplinares	18	12.7
Aumentar o pessoal não docente	21	14.8
Criação de espaços de lazer/recreativos	6	4.2
Redução do número de alunos turma e escola	5	3.5
Aumentar o pessoal docente	14	2.8

Conduta dos alunos na escola

Por último, procurámos ainda, a partir da perceção dos inquiridos, caracterizar a conduta dos alunos em meio escolar. Assim, a grande maioria dos profissionais (59.2%) classificou a conduta dos alunos como sendo razoável; por sua vez 26.1% qualificou como sendo má e 3.5% de muito má. Apenas 9.9% classificou a conduta dos alunos como sendo boa.

De forma específica, indagámos os participantes sobre o absentismo escolar, sendo que dos profissionais que se pronunciaram sobre este assunto (n=136), 38.7% classificou como sendo considerável; 35.9% considerou ser baixo e 2.8% muito baixo. Em contrapartida, 14.1% referiu ser elevado e 4.2% muito elevado.

Os principais problemas de conduta identificados pelos respondentes envolveram (cf. Tabela 5): o desrespeito generalizado (69.7%) (e.g., "A falta de respeito e incumprimento das regras estabelecidas pelo regulamento pedagógico"; "A extrema falta de respeito por todos"), seguindo-se o desrespeito para com as figuras de autoridade (25.4%) (e.g., "Desrespeito para com os professores, chegando mesmo a haver ameaças a estes com a colaboração e envolvimento dos pais"); o desrespeito existente entre alunos (19.5%); o recurso à violência (16.2%) e, em percentagem não negligenciável, (9.9%) o desrespeito para com os equipamentos/instalações a par do consumo de drogas (1.4%).

Tabela 5
Problemas de conduta identificados pelos profissionais.

PROBLEMAS DE CONDUTA DOS ALUNOS	FREQUÊNCIA ABSOLUTA	FREQUÊNCIA RELATIVA (%)
Desrespeito generalizado (estatutos, papéis, etc.)	99	69.7
Desrespeito para com figuras de autoridade	36	25.4
Desrespeito entre alunos	28	19.5
Recurso à violência	23	16.2
Desrespeito pelos equipamentos/instalações	14	9.9
Consumo de drogas	2	1.4

Tabela 6
Incivilidades identificadas pelos profissionais.

INCIVILIDADES REPORTADAS	FREQUÊNCIA ABSOLUTA	FREQUÊNCIA RELATIVA (%)
Perturbar o funcionamento escolar	123	86.6
Destruir/danificar equipamentos	87	61.3
Dispersar/deitar lixo fora	76	53.5
Linguagem imprópria/falta de respeito	27	19

De entre as incivilidades mais frequentemente observáveis em contexto escolar (cf. Tabela 6), os participantes reportaram de forma expressiva (86.6%) o perturbar o funcionamento escolar; seguido do destruir/danificar equipamentos (61.3%) (e.g., "o destruírem materiais, equipamentos"); dispersar/deitar lixo fora (53.5%). De forma menos expressiva, mas ainda assim inquietante, identificaram o recurso a linguagem imprópria/falta de respeito (19%) (e.g., "Uso de palavrões e insultos, há muita violência verbal").

Neste contexto, a grande maioria dos inquiridos (76.8%) afirmou que o comportamento dos alunos se tem agravado nos últimos 5 anos (apenas 17.6% afirmou o contrário), identificando inúmeros fatores explicativos para tal, como se pode constatar na Tabela 7.

Tabela 7

Principais fatores, identificados pelos inquiridos, explicativos para o agravamento da conduta dos alunos nos últimos 5 anos.

FATORES EXPLICATIVOS DO AGRAVAMENTO DA CONDUTA DOS ALUNOS	FREQUÊNCIA ABSOLUTA	FREQUÊNCIA RELATIVA (%)
Problemas socioeconómicos/desemprego	57	40.1
Reduzido controlo parental/problemas familiares	57	40.1
Ausência de motivação dos alunos	27	19
Dimensões elevadas do agrupamento escolar	9	6.3
Inadequação do regulamento escolar	13	9.2
Elevada densidade de alunos	4	2.8
Outros (ex.: consumos, redes sociais, jogos)	5	3.5

Para fazer face aos problemas de conduta apresentados no Tabela 7, os profissionais apontaram várias medidas, com particular destaque para a maior assunção de responsabilidade por parte dos pais (59.1%) (e.g., "Maior acompanhamento e responsabilização dos pais"); seguida da necessidade de haver uma intervenção e prevenção multifacetada (28.2%); a necessidade de haver maior rigor/exigência por parte dos agentes educativos (27.5%); a necessidade de se conferir maior autoridade/importância à escola (18.3%) ou ainda, o reforço dos recursos humanos (9.9%) e a redução do número de alunos (4.2%) (cf. Tabela 8) foram também medidas apontadas.

Tabela 8

Principais medidas identificadas pelos inquiridos para combater os problemas de conduta dos alunos em contexto escolar.

SUGESTÃO DE MEDIDAS PARA COMBATER OS PROBLEMAS DE CONDUTA	FREQUÊNCIA ABSOLUTA	FREQUÊNCIA RELATIVA (%)
Assunção de responsabilidade pelos pais	64	59.1
Intervenção/prevenção multifacetada	40	28.2
Maior rigor/exigência dos agentes educativos	39	27.5
Maior autoridade/importância escola	26	18.3
Reforço dos recursos humanos	14	9.9
Redução do número de alunos	6	4.2

Discussão dos resultados

Perante os resultados anteriormente apresentados, é pertinente salientar a satisfação de percentagens consideráveis de profissionais do ensino em relação às condições físicas das escolas em que trabalham. Efetivamente, os inquiridos revelaram uma perceção favorável acerca das características do meio físico envolvente, destacando a qualidade dos acessos e/ou transportes, a adequação das características do meio ao tipo de instituição de ensino ou ainda o facto de a escola ter sido intervencionada recentemente. Por isso, pode depreender-se que as escolas têm vindo a melhorar estes aspetos, havendo outros que agradaram menos e que, certamente, estarão associados às drásticas mudanças verificadas nas nossas sociedades e nos comportamentos dos alunos (e.g., Moreira, 2003; Pereira, 2002).

De entre as diferentes medidas sugeridas pelos participantes, destacámos: a criação de espaços de lazer e desportivos para os alunos; a melhoria das condições logísticas da escola; o aumento do número de profissionais da instituição de ensino e integrar profissionais de outras áreas científicas (e.g., criminologia, psicologia, etc.), possibilitando, deste modo, a criação de equipas multidisciplinares que possam dar um contributo positivo para o desenvolvimento das instituições de ensino, atendendo à referida (Hart & Mueller, 2012) multidimensionalidade da escola.

Uma outra dimensão positiva dos nossos dados situou-se ao nível do funcionamento interno e externo das escolas, com uma qualificação francamente positiva. Não obstante, os participantes apresentaram múltiplas sugestões para melhorar o funcionamento do meio escolar, e qualificaram de forma negativa o envolvimento dos encarregados de educação nas iniciativas promovidas. Ora, este reparo coloca-nos diversas possibilidades de enquadramento do problema, não sendo certamente alheio às mudanças sofridas nas nossas sociedades com o processo de globalização, em que parece haver a tendência para deixar à escola novas e desafiantes tarefas que anteriormente eram atribuíveis às figuras parentais. Assim, a nova escola deve também articular com os pais, no sentido de uma redefinição de papéis.

Genericamente, os participantes consideraram o sistema disciplinar adequado, sendo apontadas várias medidas promotores do mesmo, nomeadamente a necessidade de tornar o sistema disciplinar mais severo/punitivo, a par do maior envolvimento dos pais ou mesmo a integração de equipas multidisciplinares. Ora, também aqui se está a apelar ao novo papel da escola como entidade atenta às diferentes dimensões afetadas pelo desenvolvimento dos seus alunos, numa dinâmica de envolvimento de diferentes atores intervenientes no processo de socialização, como referiram Lipman (2014) e Pinheiro, Haase, Prette, Amarante e Prette (2006).

Sob o ponto de vista dos comportamentos menos adequados, foram mencionados alguns como o absentismo escolar, o desrespeito por figuras de autoridade e entre os próprios estudantes, a prática não raramente observada de incivilidades e o agravamento de tais comportamentos ao longo dos últimos cinco anos, num registo que remete para o que alguns autores (e.g., Pinheiro, Haase, Prette, Amarante, & Prette, 2006; Radliff, Wheaton, Robinson, & Morris, 2012) vão apontando como sendo condutas às quais é urgente atender. Embora não tenha sido muito notório, a verdade é que não se podem ignorar as referências a aspetos do meio envolvente como a presença de cafés e de estabelecimentos onde se joga, como fatores eventualmente percebidos por alguns como perturbadores. Ainda a respeito dos comportamentos problemáticos, as incivilidades conduzem à instalação de sentimentos muito negativos, incluindo a sensação de insegurança tão desaconselhada em todos os domínios e, principalmente, em contexto escolar, como foi claramente referido por Brites (2010) e por Colmán e Souza (2009).

Portanto, os resultados aqui destacados conduzem-nos levam à construção de algumas conclusões práticas.

Conclusão

Sob o ponto de vista das observações registadas com este estudo, importa salientar a necessidade de se repensar a escola atendendo a medidas simples, facilmente implementáveis, económicas e, sobretudo, eficazes.

Desde logo, importa que o sistema de ensino passe a olhar a prevenção como sendo rentável e com grandes benefícios a médio prazo. Por isso, a adoção de equipas multidisciplinares que integrem um gabinete de observação e monitorização de comportamentos e de fatores de risco, seria uma vantagem, prevenindo muito dos problemas comportamentais que, a curto prazo, se convertem em graves problemas de elevadíssimos custos sociais. Referem-se aqui condutas que se iniciam de forma quase silenciosa nas escolas e nas suas mediações, como as condutas antissociais de que fazem parte os consumos problemáticos de drogas, legais e/ou ilegais.

Depois, a criação de um observatório dos espaços, que monitorize e coopere com o poder autárquico, relativamente aos espaços internos e circundantes à escola. De facto, importa que haja bons acessos, boa iluminação e condições adequadas, quer em torno da escola quer no seu interior. Na verdade, é importante perceber a tempo se uma determinada área começa a sofrer degradação ou até a ser alvo de comportamentos que contribuam para essa degradação.

Certamente, seria interessante ter também profissionais que estabeleçam a ponte entre a escola e os encarregados de educação, estando atentos às

melhores estratégias de envolvimento daqueles e, obviamente, mobilizando esforços de intervir em situações em que as próprias figuras parentais possam estar a constituir um fator desestruturante do jovem aluno. É ainda de salientar que a atenção não pode nem deve ser retirada de comportamentos que, muitas vezes relativizados, constituem importantes indicadores e sinais de alerta, estando associados a sentimentos nefastos e que contribuem para uma degradação geral do ambiente que se vive nas escolas. Referem-se aqui as incivildades, tantas vezes alvo de reduzida atenção, quando deveriam ser foco de imediata intervenção para prevenir posteriores desenvolvimentos e manifestações mais graves nas suas consequências.

Em relação com o que acaba de ser referido, encontra-se a questão do envolvimento e do sentimento de pertença a estimular, quer entre professores, quer entre alunos. Obviamente, tal envolvimento implicaria também a definição de estratégias que implicassem também o envolvimento mais notório dos encarregados de educação dos alunos das escolas. Assim, poderiam desenvolver-se ações que dinamizassem essas ligações, quer através de espaços de debate sobre problemas que levassem a que os pais se identificassem com as temáticas tratadas, quer por meio da realização de ações sociais e humanitárias em prol da comunidade de pertença da escola, com participação de pais, alunos e profissionais da escola. Outras atividades, de caráter lúdico, poderiam atrair elementos diversos da comunidade, bem como os encarregados de educação dos alunos da escola, sendo que tais eventos deveriam ser pensados de forma a salientar e a valorizar os diferentes talentos e tendências dos jovens alunos. Para além destas estratégias, poderia fazer-se o levantamento, junto de pais e de alunos, do que realmente teria interesse para os inquiridos, em termos de desenvolvimento de atividades extracurriculares, mas com o claro envolvimento de todos quantos estivessem ligados à escola. Se é certo que tais dinâmicas não são fáceis de implementar, não será menos correto que poderão vir a fazer a diferença, em termos de funcionamento das nossas escolas.

Por último, seria interessante e útil que os diferentes agentes educativos, profissionais do ensino e figuras parentais, fossem avo de formações regulares e adequadas às necessidades evidenciadas por cada grupo. Afinal, vive-se uma era que não se compadece com a paragem de aquisição de conhecimentos e com a redutora postura de agirmos compartimentadamente, cada um na sua área. Os tempos exigem cruzamento de saberes e multidisciplinaridade.

Referências Bibliográficas

- Brites, J. (2010). Perceção de risco e medo do crime na caracterização do espaço físico e social. *Psychologica*, 52(1), 315-325. [Disponível em <http://iduc.uc.pt/index.php/psychologica/article/view/1001/450>, consultado em 11/09/2014].
- Colmán, L., & Souza, R. (2009). Violência, sentimento de insegurança e incivilidade. *Revista Senso Comum*, 1, 38-46. [Disponível em <http://sensocomum.xanta.org/index.php/revista/article/view/7/2>, consultado em 12/10/2014].
- Debarbieux, É. (2001). A violência na escola francesa: 30 anos de construção social do objeto. *Educação e Pesquisa*, 27(1), 163-193 [Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-97022001000100011>, consultado em 24/09/2014].
- Garcia, J. (2006). Indisciplina, incivilidade e cidadania na escola. *Educação Temática Digital*, 8(1) 121-130. [Disponível em http://www.fe.unicamp.br/revistas/ged/etd/article/view/2138/pdf_16, consultado em 15/09/2014].
- Hart, C., & Mueller, C. (2012). School delinquency and social bond factors: exploring gendered differences among a national sample of 10th graders. *Psychology in the Schools*, 50(2), 116-133 [Disponível em <http://dx.doi.org/10.1002/pits.21662>, consultado em 19/09/2014].
- Lipman, P. (2014). *High stakes education: inequality, globalization and urban school reform*. New York: Routledge.
- Mayer, R. (1995). Preventing antisocial behavior in the schools. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 28(4), 467-478 [Disponível em <http://dx.doi.org/10.1901/jaba.1995.28-467>, consultado em 19/10/2014].
- Moreira, R. (2003). Globalização e crime. *Revista dos Tribunais*, 92(811), 469-496.
- Nunes, L., Caridade, S., & Sani, A. (2013). Diagnóstico do meio escolar – avaliar para intervir. In A. Sani, & S. Caridade (Coord.), *Violência, agressão e vitimação: Práticas para a intervenção* (pp. 309-320). Coimbra: Almedina.
- Peek-Asa, C., & Zwerling, C. (2003). Role of environmental interventions in injury control and prevention. *Epidemiological Reviews*, 25, 77-89. [Disponível em <http://dx.doi.org/10.1093/epirev/mxg006>, consultado em 13/07/2014].
- Pereira, S. (2002). Globalização, descentralização e exclusão social: grandes e novos desafios para a gestão escolar. *Linhas Críticas*, 8(14) 119-138. [Disponível em <http://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/viewFile/6501/5254>, consultado em 17/10/2014].
- Pinheiro, M., Haase, V., Prette, A., Amarante, C., Prette, Z. (2006). Treinamento de habilidades sociais e educativas para pais de crianças com problemas de comportamento. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19(3), 407-414 [Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722006000300009>, consultado em 09/11/2014].
- Radliff, K., Wheaton, J., Robinson, K., & Morris, J. (2012). Illuminating the relationship between bullying and substance use among middle and high school youth. *Addictive Behaviors*, 37, 569-572 [Disponível em <http://dx.doi.org/10.1016/j.addbeh.2012.01.001>, consultado em 19/10/2014].

Ryan, A. (2000). Peer groups as a context for the socialization of adolescents' motivation, engagement and achievement in school. *Educational Psychologist*, 35(2), 101-111 [Disponível em http://dx.doi.org/10.1207/S15326985EP3502_4, consultado em 19/09/2014].

Soares, C. (2002). *Reinventando a escola. Os ciclos de formação na escola plural*. São Paulo: Annablume.

Youssef, R., Attia, M. & Kamel, M. (1998). Children experiencing violence II: Prevalence and determinants of corporal punishment in schools. *Child Abuse and Neglect*, 22(10), 975-985. [Disponível em [http://dx.doi.org/10.1016/S0145-2134\(98\)00084-2](http://dx.doi.org/10.1016/S0145-2134(98)00084-2), consultado em 24/04/2012].

Laura M. Nunes

Professora Auxiliar na Universidade Fernando Pessoa (UFP)
Doutorada em Ciências Sociais/Psicologia/Delinquência
Coordenadora e investigadora no Observatório Permanente Violência e Crime (OPVC-UFP)
Email: lnunes@ufp.edu.pt

Sónia Caridade

Professora Auxiliar na Universidade Fernando Pessoa (UFP)
Doutorada em Psicologia da Justiça pela Universidade do Minho
Investigadora no Observatório Permanente Violência e Crime (OPVC-UFP)
Email: soniac@ufp.edu.pt

Ana Isabel Sani

Professora Associada da Universidade Fernando Pessoa (UFP)
Doutorada em Psicologia da Justiça pela Universidade do Minho
Investigadora no Observatório Permanente Violência e Crime (OPVC-UFP)
Email: anasani@ufp.edu.pt

Correspondência:

Laura M. Nunes
Universidade Fernando Pessoa
Praça 9 de abril, 349 - 4249-004 Porto

Data de submissão: Janeiro 2015

Data de avaliação: Fevereiro 2015

Data de publicação: Maio 2015